

HISTÓRIA ORAL, TRAVESTILIDADE E ENVELHECIMENTO

Natam Felipe de Assis Rubio¹; Fábio Henrique Lopes ²;

1. Bolsista PIBIC, Discente do Curso de Ciências Sociais, ICHS/UFRJ; 2. Docente do Departamento de História e Relações Internacionais, ICHS/UFRRJ;

Palavras-chave: Travestilidade, velhice, História oral, violência, identidade, experiência;

Introdução

A partir do plano de atividades buscamos analisar as experiências constituintes de subjetividades travestis na velhice. O objetivo central é explorar como as experiências em torno das violências praticadas contra esse segmento LGBT permitiram a produção de novas subjetividades para as travestis que moram na cidade do Rio de Janeiro e que, hoje, têm por volta ou mais de 60 anos de idade. A proposta é bastante original, pois se trata de preencher uma lacuna na bibliografia sobre o tema, sobretudo uma lacuna historiográfica, uma vez que poucos trabalhos históricos/historiográficos focalizam as travestis idosas. O desafio é articular e explorar experiências a partir da trama travestilidade-velhice-violência.

Metodologia

Para analisar e explorar as fontes orais, transcrições de entrevistas realizadas com travestis idosas que moram na cidade do Rio de Janeiro, optamos por trabalhar com a chamada “História Oral”. Nesta perspectiva, são pertinentes as palavras de Marieta Ferreira e Janaína Amado (2002: XVI), para as quais a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como diversos tipos de entrevistas e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho.

Resultados e Discussão

Todo o período da pesquisa foi dedicado, assim, em primeiro lugar, ao estudo e à compreensão do que pode ser a História Oral e a Transcrição de algumas entrevistas. Como desdobramento dessa etapa de meu trabalho, poderei, posteriormente, organizar o acervo das entrevistas e disponibilizá-lo a outros/as pesquisadores. Até aqui, realizei duas transcrições, de entrevistas feitas pelo meu orientador, Prof. Fábio Henrique Lopes. Exige-se muito cuidado e tempo, pois é preciso manter a fidedignidade do que se ouve, pois caso isso não aconteça, pode se acarretar problemas éticos. As entrevistadas foram Paula e Lalá Morbeck, travestis com mais de 60 anos de idade e residentes na cidade do Rio. Seguindo modelos encontrados nos núcleos e laboratórios de estudos como o NEHO (Núcleo de estudos sobre história oral da Universidade de São Paulo) e o CEPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas), transcritas, as entrevistas estão prontas para uso de pesquisa. O conteúdo requerido ao longo do período de estudo permitiu-me desconstruir estereótipos sobre tais sujeitos, sobre suas experiências na chamada “velhice”, sobretudo porque ainda vivemos em uma sociedade regida pela heteronormatividade, a qual se apresenta como natural à ordem das coisas. Mas, ao deparar-me com os relatos, as histórias de vida dos sujeitos travestis, devidamente orientados e instruídos não só pelo meu orientador, mas pelas leituras feitas no início da Iniciação Científica, pude ir além do que outrora se apresentava como as duas únicas opções existentes, ou seja, por um lado julgá-las como fora do normal ou, no outro extremo, questionaria o normal, o natural, e passaria a pensar na conduta individual de se fazer apenas livres, múltiplas e libertárias. Tomei, a meu ver, uma posição mais coerente, a de refletir sobre a historicidade das escolhas, das experiências, das construções de si, dos sentidos que os sujeitos atribuem a si e aos outros.

Conclusão

As teorias do levantamento bibliográfico tratam da importância dos estudos do momento presente, ou seja, a História Oral como metodologia eficaz na constituição da disciplina. A invisibilidade da travesti e transexual transformou-se em visibilidade palpável, eles estão aí, à nossa frente. Devemos produzir visibilidades. É necessário pensar e analisar os silenciamentos e os processos que as apagam do social, da História. A desnaturalização da estruturante masculina na sociedade permite-nos compreender a historicização discursiva do poder, a partir da análise atenciosa do conteúdo que é alcançado com entrevistas aos sujeitos.

Referências Bibliográficas

ALBERT, V. *Manual de História Oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

MEIHY, J.C.S.B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SANTHIAGO, R; MAGALHAES, V. (org.). *Memória, diálogo e escutas da Zona Leste e visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

